

Publicado em: 22/10/2021

[ENTREVISTA]

UMA HISTÓRIA DA FILOSOFIA DA PSICANÁLISE EM BELÉM DO PARÁ

Com

*Ernani Chaves*¹

por

Ronildo Deividly Costa da Silva²

(ronildosilva010@yahoo.com.br)

INTRODUÇÃO

Com quase quatro décadas de produtiva atividade intelectual (numerosos artigos publicados, capítulos de livros e livros), Ernani Chaves é um destacado pesquisador brasileiro que atua no tenso e fértil campo de articulação entre filosofia e psicanálise. Mestre e Doutor em Filosofia, tem concentrado seus esforços no ofício da tradução de Freud e em pesquisas sobre problemas e autores que vão desde Nietzsche e Foucault a Benjamin, Adorno, Freud e Lacan. Nessa entrevista, com a fina ironia e o bom humor que lhe são característicos, Ernani Chaves nos dá um rico testemunho sobre o momento de formação das pesquisas em filosofia da psicanálise no Brasil, do seu encontro com a psicanálise e da recepção desse campo de pesquisas em Belém do Pará, entre outras coisas.

¹ É graduado em Administração pela Universidade Federal do Pará, Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo. É professor titular da Faculdade de Filosofia e professor permanente no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFPA e no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Sergipe. É membro da Nietzsche-Gesellschaft (Naumburg/Alemanha) desde 1990, do GT Nietzsche da ANPOF e é um dos editores da Revista Estudos Nietzsche.

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5741253213910825>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8988-1910>.

² Psicólogo. Mestre e Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Pará na linha de pesquisa “Psicanálise, Teoria e Clínica”. Integrante do grupo de pesquisa “Filosofia Contemporânea”, onde atua nas linhas de pesquisa “Filosofia Política no Mundo Contemporâneo” e “Filosofia da Psicanálise”. Integrante do Laboratório de Psicanálise e Psicopatologia Fundamental da UFPA.

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8483919946949654>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0120-4577>.

RDCS: *É bastante conhecida entre nós a ideia de que o desejo do pesquisador (analista ou não!) define, em certa medida, o objeto investigado; quer dizer, é essa espécie de ressonância entre o sujeito e sua transferência com o objeto de investigação que confere a este último sua dimensão de singularidade. Nesse sentido, gostaria de começar essa conversa com uma nota autobiográfica: como se dá o teu (des)encontro com a psicanálise? Como a experiência intelectual de Freud te alcança naquilo que – a meu ver – é a tarefa maior da filosofia, que é a formulação de problemas?*

EC: A primeira ideia que me ocorreu para responder essa pergunta foi a de “acaso”. Com isso, eu dispensaria maiores explicações. Pensando bem, o que eu sabia de Freud e de psicanálise antes de 1981, 1982, era o que todo jovem estudante entusiasmado com a filosofia e com a história da cultura no Ocidente sabia: um pequeno conjunto de clichês, que giravam basicamente em torno do “inconsciente”, da “sexualidade” e do “complexo de Édipo”. A expressão “Freud explica” resume bem isso. Entretanto, pensando melhor, posso dizer que eu vivenciei um momento muito significativo da história da psicanálise no Brasil, que foi a sua chegada aos cursos de pós-graduação em Filosofia, na passagem da década de 1970 para a de 1980, acompanhando, no plano histórico, social e político, o chamado momento da “abertura política”, quando o regime militar, a ditadura, começava a se abrir. A publicação do *Freud: a trama dos conceitos* – a dissertação de Mestrado de Renato Mezan, defendida na USP, creio que em 1978, sob a orientação de Marilena Chauí – representou um marco, uma referência para mim. A existência de um Curso de Especialização em “Fundamentos Filosóficos da Psicologia e da Psicanálise”, na Unicamp, sob a coordenação de Bento Prado Júnior, também sinalizava para essa inserção da psicanálise no debate filosófico brasileiro. Assim, quando minha orientadora no Mestrado na PUC de São Paulo, Jeanne-Marie Gagnebin, exigiu que eu formulasse um problema de pesquisa, insatisfeita com meus primeiros rascunhos a propósito das relações entre verdade e poder no pensamento de Foucault, eu lembrei das passagens da *História da Loucura*, que muito me impressionaram e que eu não entendia muito bem, e que sinalizavam para o lugar “ambíguo” – foi essa a primeira palavra que me ocorreu na época – de Freud e da psicanálise naquele primeiro livro de Foucault: encontrei o meu “problema”. Foi então que iniciei, de uma forma mais sistemática, minhas leituras de Freud, usando principalmente a edição em 3 volumes em espanhol da Biblioteca Nueva e várias edições francesas. Da edição da Imago, eu tinha alguns volumes. Naquela época, já conhecíamos as restrições à tradução brasileira. O final dos meus créditos do Mestrado coincidiu, felizmente, com a realização do concurso para professor Auxiliar do Departamento de

Filosofia da UFPA. Fui aprovado em primeiro lugar e imediatamente contratado. Fiquei em São Paulo de março de 1981 a julho de 1982. Em agosto de 1982, já estava de volta a Belém. Até a defesa de minha dissertação em julho de 1986, já agora sobre “Foucault e a psicanálise”, tomando como referência a “ambiguidade” da psicanálise tanto na *História da Loucura* quanto em *A vontade de saber*, comecei a dar pequenos cursos de extensão sobre psicanálise, em especial Freud e já um pouco de Lacan, instigado e a convite de uma professora do então Departamento de Psicologia Clínica da UFPA, a Suzana Pastore, hoje aposentada – uma carioca (ou gaúcha, não lembro bem), que também se tornara professora da UFPA um pouco depois de mim. Nas férias, eu estava sempre em São Paulo, para encontros com minha orientadora, quando possível, mas principalmente para estudar e pesquisar. Assim, o “acaso” na verdade deu lugar à exigência da formulação de um problema. O meu problema inicial, amplo e ainda vago, a propósito das relações entre verdade e poder em Foucault, ganhara uma outra consistência quando formulado a partir da confrontação de Foucault com a psicanálise. Um problema amplo e de algum modo abstrato ganhou corpo e matéria quando a psicanálise pode ser acionada.

RDCS: *A tua chegada em São Paulo no início da década de 1980 (mais especificamente em 1981 quando comesas o mestrado sob a orientação de Jeanne-Marie Gagnbin) converge com uma franca efervescência na recepção filosófica da psicanálise, marcadamente Freud, no Brasil. Apenas para ficar em três exemplos paulistanos, temos os trabalhos de Bento Prado Jr. (1985, 1991), de Renato Mezan (1982, 1985) e de Luiz Roberto Monzani (1989). A tua dissertação, defendida em 1986 e publicada em 1988 sob o título **Foucault e a psicanálise pela Forense Universitária**, é certamente condição e consequência da produtividade desse contexto que daria origem à filosofia da psicanálise no Brasil. Como tu avalias esse momento? E, mais especificamente, como esse teu trabalho específico dialoga com esse processo?*

EC: Mesmo que eu já tenha respondido em parte essa pergunta na primeira pergunta, ela enseja que eu fale um pouco mais sobre isso. Eu acrescentaria aos nomes paulistas o de Joel Birman, que defendeu seu Doutorado também na USP, sob a orientação do Luiz Roberto Salinas Fortes. Lembro bem que, por volta de 1984, fui à casa de Birman no Rio (cheguei até ele através de Roberto Machado, o grande intérprete de Foucault, que eu conhecera em Belém, em fevereiro de 1982) e ele me emprestou a única cópia de sua Tese que ele possuía, *A constituição histórica da psicanálise*, que ficou comigo em Belém durante mais de um ano. Jamais esquecerei esse gesto generoso do Joel. De fato, Bento Prado Junior, Mezan, Monzani e Birman, com seus trabalhos, abriram um caminho fértil, que uma parte, ainda pequena, de minha geração

interessada na psicanálise percorreu. Lembro ainda que, no primeiro semestre de 1983, Monzani, professor na PUC, na Pós Graduação em Psicologia Clínica, ministrou um curso sobre “o sentimento de culpa em Freud”. Uma amiga de Belém, que cursava o mestrado na PUC e que também era professora da UFPA, me enviou a transcrição das aulas, feita a mão! Em 1985, Mezan publica *Freud, pensador da cultura*, seu Doutorado, outro marco. Um pouco antes, na Coleção “Primeiros Passos” da Brasiliense, de um lado a introdução à psicanálise escrita pelo Fábio Hermann (outro professor da PUC/SP, infelizmente já falecido, mas que foi muito importante) e, de outro, a introdução à psicanálise pela via lacaniana, feita por Oscar Cesarotto e Marcio Peter Leite. O Cesarotto também era professor da PUC/SP, no Programa de Comunicação e Semiótica. Todo esse ambiente estava muito próximo de mim; eu respirava psicanálise, as polêmicas, as controvérsias, o intenso debate conceitual que se fazia na filosofia, mas aberto para as provocações que vinham da clínica, atento à perspectiva própria da psicanálise, na qual a clínica é fundamental. Uma passagem de Mezan, no *Freud, pensador da cultura*, eu repetia como um mantra: um conceito psicanalítico surge a partir da conjunção entre o trabalho teórico, a clínica e o confronto com a cultura. Por fim, em Joel Birman, a psicanálise brasileira encontrou, desde sempre, a provocante confrontação com Foucault. Joel, por sua vez, pertenceu à geração dos psiquiatras, médicos e psicanalistas que, no Rio de Janeiro, vivenciaram as sucessivas presenças de Foucault assistindo, por exemplo, às conferências no Instituto de Medicina Social da UERJ, de 1974. A tese de doutorado do Joel já mostrava o quão importante era a confrontação de Foucault com a psicanálise, a medicina e a psiquiatria para o processo formativo dos psicanalistas, médicos e psiquiatras. Esse conjunto de ideias, leituras, debates intensos e apaixonados fez parte inalienável do meu próprio percurso e legitimava o meu trabalho academicamente falando, apesar das reticências da ala mais tradicional da Filosofia, para quem só existiam 8 filósofos dignos de serem estudados: Platão, Aristóteles, Santo Agostinho, São Tomás de Aquino, Descartes, Hume, Kant e Hegel. Salvo engano, essa era a lista.

RDCS: *Uma pequena provocação: a mim me parece que o início do teu percurso intelectual é marcado por um movimento curioso, eu diria que é um procedimento quase roseano – se é que posso usar essa imagem – que mostra sua identificação pelo seu inverso. Ao contrário do conto do Guimarães Rosa, tu parecias buscar a instabilidade inerente à estabilidade (afinal, muito jovem e já professor da Universidade) e, ao fazê-lo, criaste uma canoa que habita a margem de um rio imaginário que se confunde com o rio Guamá, com o rio Tietê e com o rio Spree.*

O “jovem” Ernani escolheu deliberadamente essa imagem poética? Gostaria que tu falasses um pouco como se deu a “criação” desse rio.

EC: *(Risos)* Tu te referes à dedicatória de minha Tese de Doutorado, na qual eu digo, em vez de homenagear uma pessoa ou pessoas, que vou dedicá-la a uma cidade que só existe para mim, “Berlim do Pará, às margens do Tietê”. Pensando bem agora, quase 30 anos depois da defesa de minha tese, em setembro de 1993, eu cometi um lapso, pois eliminei minha cidade natal, Soure, na Ilha do Marajó, que eu amo tanto e para onde volto sempre. “Freud explica!” *(risos)*. Berlim, a cultura germânica (não apenas a alemã propriamente dita, mas a germânica, da qual a Áustria de Freud fazia parte), o aprendizado da língua alemã, sem dúvida estão ligados ao meu crescente interesse pela psicanálise. Minha tese de doutorado é cheia de Freud. Escrevi muitos artigos, por exemplo, sobre Benjamin e Freud, que saíram da tese. A imagem do rio remete, sem dúvida, à minha infância ribeirinha. Minha cidade natal é cortada por um rio, o Paracauari, palavra tupi que significa “igarapé grande”. Sim, é um grande e largo rio, bem amazônico nesse sentido. Parte significativa da minha vida se passa no campus da UFPA, às margens de um outro rio, o Guamá. A imagem do rio portanto é muito forte, porque ainda têm o Tietê e o Spree, o rio que corta Berlim. Tem a ver, talvez, com a instabilidade do estável, como em Heráclito. Mas também com o constante deslocamento, que me fez, até antes da pandemia, estar sempre em viagem, em “devir”, sem, entretanto, esquecer, nem por um minuto, que eu sou do Pará, da Ilha do Marajó, embora eu possa estar num mesmo mês (como em outubro de 2019) em trânsito entre Belém, Paris, Berlim, Weimar, Naumburg e Madri, entre diferentes culturas, línguas, mas principalmente entre amigos, o que muitas vezes é o grande ganho que temos em participar de eventos acadêmicos, congressos, encontros, etc. A imersão profunda na língua e na cultura alemães me tornaram hoje em dia um tradutor de Freud. O que era impensável quando comecei a lê-lo há tantas décadas atrás. E agora, é hora de acrescentar outro rio, o Danúbio, quiçá “azul”, como na famosa valsa de Strauss e que eu conheci tardiamente, pois minha primeira visita a Viena só ocorreu em 1994. São muitos rios, é verdade. O interessante é que a palavra alemã para “tradução” – *Übersetzung* – significa também “atravessar”, ir por exemplo de uma margem para outra margem de um rio, para lembrar a metáfora Roseana, a qual aludiste. A tradução é uma travessia entre línguas e, portanto, entre culturas e épocas.

RDCS: *Para ficar ainda na imagem do Guimarães Rosa, nessa espécie de dialética entre o regional e o universal, é bastante interessante notar que o teu trabalho, que embora trate*

de questões teóricas, políticas e estéticas mais abstratas, também consiga manter uma forte vinculação com especificidades do lugar em que escolheste viver. Qual o lugar de Belém na tua produção intelectual?

EC: Várias vezes tive de responder à pergunta: “por que você continuou em Belém?”. Essa pergunta é muito chata, porque expressa a ideia de que só existe vida intelectual no Brasil se você estiver no chamado sul-sudeste ou ainda, para os mais “radicais”, no eixo Rio-São Paulo. Eu tive um excelente exemplo que contraria essa “lógica”, bem próximo a mim: Benedito Nunes, que sempre morou em Belém. Por desconhecimento, talvez, ou por preconceito mesmo, ainda se pensa que moramos num lugar muito longe, numa espécie de aldeia. Longe de onde exatamente? Não, por exemplo, da Europa, pois o voo de Belém a Lisboa demora apenas 7 horas e quarente e cinco minutos (*risos*). É verdade, eu tive alguns convites para me transferir da UFPA para universidades do sul-sudeste, quando era muito simples se transferir de uma Federal para outra Federal, pois não havia necessariamente de haver disponibilidade de vagas. Não quis, por vários motivos, que vão da vontade de estar próximo de minha família ao fato de que eu me sentia comprometido, de um ponto de vista ético e político, a trabalhar na Amazônia, a devolver à minha gente o que eu havia aprendido. No caso específico da Psicanálise, essa permanência se transformou num desafio maior, pois eu não era psicólogo, nem médico, nem psiquiatra. O que justificava então que eu desse cursos e seminários sobre Psicanálise, em especial sobre Freud e Lacan? Mas fui bem acolhido pelo pequeno grupo de professoras interessadas em Psicanálise nos antigos Departamentos de Psicologia Social e de Psicologia Clínica, hoje reunidos na Faculdade de Psicologia da UFPA. Destaco aqui o nome da Profa. Ana Cleide Moreira. Fizemos, justiça seja feita, um grande trabalho, que antecedeu a criação do Mestrado em Psicologia, que começou a funcionar em 2006. No meio do caminho, dois cursos de Especialização em Psicanálise (coordenados pelo Prof. André Barreto, hoje aposentado), com a presença de muitos professores de fora de Belém, como Neuza Santos Souza, que ministrou uma disciplina sobre psicose e o do Luiz Alfredo Garcia-Roza. Esse convênio com a PUC de São Paulo rendeu excelentes frutos. Ana Cleide – orientanda de Mestrado de Renato Mezan e depois, no Doutorado, de Manoel Berlinck – foi incansável neste aspecto. Primeiro, o Mestrado Interinstitucional e depois o Doutorado Interinstitucional. Trabalhamos conjuntamente com o Laboratório de Psicopatologia Fundamental da PUC/SP. Sinto muito orgulho de ter participado dessa trajetória. Formamos um excelente grupo de futuros professores e professoras, pesquisadores e pesquisadoras em Psicanálise, que hoje estão presentes nas universidades e faculdades de psicologia que existem em Belém. Tudo

isso aconteceu a partir dos meados da década de 1990. Durante muito tempo foram os grupos de professores e professoras da UFPA e da UNAMA – Universidade da Amazônia, que sustentaram uma formação em psicanálise dentro das Universidades, quando ainda não havia Escolas de Psicanálise propriamente ditas aqui em Belém. Claro que as universidades não são os lugares preferenciais da “formação” em Psicanálise e nem mesmo o são, como afirma com tanta ênfase a esmagadora maioria, citando de cor aquele famoso texto de Freud sobre o assunto. Mas as circunstâncias históricas levaram a isso aqui em Belém, de tal modo que eu ousaria dizer que a formação de psicanalistas se deu, numa parte significativa e essencial, nas universidades.

RDCS: *Como foi voltar à Belém? Tenho a impressão de que esse retorno, em certa medida, é marcado por uma dupla determinação. Se por um lado, há o Freud que “nasce” da tua experiência no divã, da análise pessoal – aquilo que tu chamas de saber do analisante; por outro lado (e talvez por causa disso!), há também o teu Freud, àquele que, para além da suposta superioridade teórica e do clinicismo cego a ele associado, dialoga profunda e constantemente com os problemas de seu tempo e, por causa disso, com seus contemporâneos. Minha pergunta é: após a experiência de participar in loco da recepção filosófica da psicanálise no nosso país, como foi voltar à Belém e viver a recepção dessa recepção?*

EC: Quando voltei do Mestrado, muito jovem e começando a dar aula na UFPA, estranhei bastante a situação da psicanálise. Que, depois me dei conta, não era muito diferente de outros lugares. O curso de Psicologia da UFPA foi criado por behavioristas, que aqui chegaram vindo de grandes centros dessa perspectiva teórico-clínica, da UNB, da UFSCAR e da USP. Minha professora de Introdução à Psicologia na graduação, uma figura inesquecível para mim, vinha da UNB. Lemos o livro do Fred Keller, cujo título esqueci³. Devo a essa leitura, preciso reconhecer publicamente isso (*risos*), o meu primeiro choque antimetafísico (*riso*). Eu lia, principalmente, Platão na época. Pois bem, a psicanálise aparecia como conteúdo em algumas disciplinas do curso de Psicologia como “Psicologia do Desenvolvimento” e em disciplinas ligadas à Psicopatologia, ministradas por psiquiatras de orientação kleiniana, professores na Faculdade de Medicina. E lá chegava eu, “sem eira nem beira, nem ramos de figueira”, questionando essas leituras, assim como o uso da edição das obras de Freud da Imago – sem ainda saber alemão, eu lia as traduções espanhola e francesa, como se essas traduções fossem

³ Chaves deve se referir ao livro de Fred Keller, *A definição de psicologia: uma introdução aos sistemas psicológicos* (São Paulo: Herder, 1970). Keller ensinou na USP em 1961 e na UNB em 1963, exercendo considerável influência no desenvolvimento da psicologia experimental no Brasil (Nota dos Editores).

o máximo (*risos*)! Felizmente, tive acolhida, como já falei acima. E pude contribuir para o processo de emancipação da psicanálise no currículo do curso de psicologia. Na Filosofia, por sua vez, a Psicanálise era uma terra distante e longínqua. Isso se deve em parte ao fato de que o Prof. Benedito Nunes, nosso mestre no melhor sentido da palavra, tinha uma distância crítica em relação à psicanálise, em especial por certas interpretações psicanalíticas de textos literários. Por outro lado, a psicanálise trazia consigo a “impureza” da sexualidade. E eu, estudando Foucault e Freud ao mesmo tempo, era duplamente impuro. A ortodoxia filosófica, que existe em qualquer lugar, nunca viu com bons olhos meu “descaso” para com os “clássicos”. Novamente entra em cena a “maestria” de Benedito Nunes, que me deu suporte e acolhida. De todo modo, Freud e a psicanálise são uma constante nos meus cursos da graduação em Filosofia, nesses 39 anos de docência. O Mestrado em Filosofia foi criado em 2010, temos apenas 10 anos de vida e no começo deste ano abrimos mais uma linha de Pesquisa intitulada “Literatura, Psicanálise e Educação”. Que a psicanálise seja enunciada exatamente no meio dessa tríade é significativo: é como se fosse ela a estabelecer um liame com e entre as duas outras áreas. Quase no final de minha vida docente, a Psicanálise chegou ao nosso PPG em Filosofia!

RDCS: *O discurso psicanalítico no Brasil teve – via Departamentos de Psicologia – um abrigo institucional diferenciado do restante da América Latina e, nesse sentido, isso ajudou a impulsionar a sua difusão e sua popularização. Em 2005, houve a criação do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Pará, momento do qual participei, juntamente com outros professores e professoras, de forma bastante íntima. Qual a importância desse acontecimento para a cena psicanalítica do Pará e, mais especificamente, qual é a marca da articulação entre filosofia e psicanálise nesse processo?*

EC: Foi muito importante, em especial do ponto de vista formativo. A maioria de nossos alunos e alunas já tem uma atividade como profissional, embora com a implantação e solidificação da Iniciação Científica, aumentou consideravelmente o número de alunos que vinham de uma experiência de pesquisa na graduação e que ingressam imediatamente no mestrado, sem passar por uma experiência profissional. Nos dois casos, de maneira particular, o PPG em Psicologia tem uma inestimável contribuição. Participo, desde a criação do Mestrado e depois com o Doutorado, da Linha de Pesquisa em Psicanálise e já orientei diversos mestrados e doutorados. A interseção com a filosofia é uma constante. Os candidatos que me procuram já sabem, de antemão, que também precisam se interessar por filosofia, em especial por Estética. Existe o Prêmio Benedito Nunes na UFPA, concedido à Melhor Tese na área das Humanidades,

que se relacione a temas e questões que compõem a obra de Benedito. Já ganhei esse prêmio duas vezes, mas com orientações na Antropologia (outra história, que daria outra “resenha”, como dizem meus alunos) e sempre no cruzamento com a filosofia. Meu próximo doutorando na Psicologia, que escreve sobre a questão do “Dichter” em Freud, será meu primeiro candidato a esse prêmio vindo da Psicologia. Então, o que posso reiterar é que tanto do ponto de vista pessoal, quanto do ponto de vista da minha inserção no PPG em Psicologia, psicanálise e filosofia andam sempre juntas, qual irmãs siamesas, a despeito do que o próprio Freud diria...

RDCS: *És um autor que trabalha muito bem o campo de tensão produtiva de uma espécie de dessemelhança no interior daquilo que forma uma tradição filosófica, sem, no entanto, reduzi-la a uma dimensão de (re)conciliação. Autores como Nietzsche, Benjamin, Adorno, Foucault, Freud e Lacan constantemente são “flagrados” transitando o mesmo espaço e produzindo núcleos de tensão que evocas como “testemunho” acerca de um problema filosófico específico no qual estás trabalhando. Eu mesmo – só para ilustrar – te conheci em meados de 2002 quando estavas terminando um projeto de pesquisa sobre o problema da dominação política em Adorno e começando outro sobre o conceito de catarse no pensamento de Nietzsche. Nessa miríade produzida pelos (des)encontros entre a tradição filosófica alemã e francesa, como funciona o teu processo de eleição de um problema no qual pretendes trabalhar?*

EC: O problema chega com uma leitura, às vezes ao acaso. Depois de uns 20 anos sem fazer uma pesquisa focada em Foucault, levei numa viagem a edição do último curso dele no *Collège de France, A coragem da verdade*, que eu havia trazido de uma viagem recente a Paris. Dois anos depois publiquei o livro *Michel Foucault e a verdade cínica*, fruto de um acaso desprezioso, que é esse gesto comum e banal de levar um livro para uma viagem. De uma conversa de *coffe break* com Gilson Iannini, num Encontro de Filosofia e Psicanálise na UFOP em 2012 – devo dizer que também participei de vários desses encontros pioneiros, assim como do GT Filosofia da Psicanálise da ANPOF, Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia – foi lançada a semente que resultou na minha participação como tradutor do projeto das *Obras Incompletas* de Freud da Editora Autêntica. Mas o que ocasionou a conversa com o Gilson foi minha participação no evento, nos debates, nos quais eu fundamentava minha argumentação numa leitura atenta e rigorosa dos textos de Freud em alemão. Há uns meses atrás, por exemplo, numa livraria folhee e li um pouco o livro de Achille Mbembe, *Sair da grande noite!* Fiquei encantado com a leitura, com o estilo! O *Necropolítica*, eu havia lido por ossos do ofício. Mas a partir desse outro livro, comecei a ler os livros dele. Fiquei

impressionado com a presença constante de Freud, Lacan e Foucault e muitas vezes de Benjamin e Nietzsche! Pronto! Achei um problema! Que é o problema da minha vida e que eu persigo e me persegue de diversas perspectivas e que gira em torno dos mesmos autores, particularmente Foucault, Nietzsche e Benjamin. E assim, juntamente com Mbembe e os outros autores que eu leio há quatro décadas pelo menos, eu posso agora falar de racismo e de outros temas tão candentes e tão necessários. Por outro lado, desmistificando a ideia de que um filósofo africano joga a “criança” – a filosofia ocidental, no caso – junto com a “água do banho”. Enfim, no começo, no meio e no fim, tem sempre um problema. Espero terminar até o final de 2022 um livro a propósito da “genealogia do sujeito do desejo” em Foucault, no qual, evidentemente, a psicanálise ocupa um lugar central.

RDCS: *E, para finalizar, gostaria de saber como tu vês os desenvolvimentos futuros desse campo de pesquisa – a filosofia da psicanálise – no Brasil e, mais especificamente, aqui na nossa região.*

EC: Com muito otimismo. Veja só a presença de psicanalistas e filósofos interessados em psicanálise ou para quem a psicanálise é uma interlocutora fundamental, na cena pública brasileira! A propósito, queria lembrar uma passagem do primeiro volume da *História da sexualidade*, de Foucault. Ao discutir o racismo no interior do dispositivo de sexualidade – discussão que, diga-se de passagem, deflagra a pergunta sobre o racismo, que interessa a Mbembe – instaurado no século XIX, Foucault afirma com todas as letras que a psicanálise tem a “honra política” (a expressão é de Foucault) de, ao combater as teorias da degenerescência, se contrapor a um princípio básico do racismo, fundamento do racismo nazista. Ou seja, num momento tão crucial e terrível de nossa história recente, a psicanálise foi um contradiscurso importante e necessário. Eu diria que a psicanálise brasileira hoje tem a oportunidade de combater no campo político e constituir-se numa resistência exemplar ao que está acontecendo em nosso país e, portanto, de manter e dar continuidade a essa “honra política” mencionada por Foucault. É claro que isso não é simples e há percalços. Basta para isso pensar na questão de gênero e nas dificuldades que as “transidentidades” encontram nos meios psicanalíticos. Questões como as de gênero, mas também as de raça, tão fundamentais no Brasil, acabaram por impor à psicanálise (e à filosofia também) muitos desafios e a necessidade de fazer uma revisão de suas próprias teorias e, no caso da psicanálise, de sua clínica. Eu tenho esse alento, essa esperança.